9.º DA 3.ª SERIE. N.º 33. 19 MAIO 1842.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sabe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 30 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remet a um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sabe ás 7 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

### ESTRADAS.

*(Continuação da pag. 378.)*

377 ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA INGLEZA.

A America Ingleza não póde dar elementos adoptaveis para o nosso quadro. Se eu aqui a-apresento é para se-conhecerem os phenomenos que o trabalho do homem é capaz de produzir, quando bem dirigido e com intenção. Este povo, cujo caracteristico é o furor do jogo na industria, afim de favorecer melhor a especulação, trabalha sem cessar para formar um redenho completo de communicações por terra, por mar, e por caminhos de ferro, e fa-lo com afinco tal que um anno já não serve de criterio para o outro. É o governo central, quando o exigem as circumstancias; são os estados da federação cada um sobre si, e são os particulares por empreza, que simultaneamente concorrem, ou por obrigação ou por interesse, para este bem geral, donde tem resultado que aquellas vastas regiões se-têem homologado e fundido em nação, indicando menos *provincialismo*, do que nós no nosso pequeno Portugal, não obstante a nossa superficie ser 75 vezes mais pequena do que a anglo-americana.

Em 3 de Março de 1842, durante o debate na Camara dos Communs para o governo inglez mandar construir por conta do estado os caminhos de ferro na Irlanda, a que *Sir Robert Peel* não quiz annuir, disse o author da proposição, e merito na materia, que a America tinha já construidas 3,430 milhas de caminhos de ferro mediante a somma de 200 milhões de cruzados; tinha mais 2,000 para construir, que haviam de custar 150 milhões dito, e projectava mais ainda 5,948 dito, ao todo 11,378 milhas. Animados todos do mesmo desejo, despidos de egoismo nas expropriações, e procurando mais um vehiculo prompto do que a magnificencia delle, tem custado cada milha da estructura destes caminhos a 23.824$000, preço que vem a ser pouco mais da metade do que custa uma milha de calçada em França, advertindo que no preço do caminho de ferro americano vão incluidas as machinas, carros, etc., que anda por um terço do total da despeza, o qual abatido, deixa o custo só em 15 contos p. m. ou m.

Em 1817, que foi quando a União se deu seriamente ao programma das communicações estreou-se, construindo o canal *Erie*. Abrange elle 587 milhas, e custou 10.400 contos. Foi feito á custa do estado. A *Pensiloania*, desde 1824 quando não tinha mais de 1.200,000 almas, tem votado annualmente 2400 contos para viação. A totalidade dos canaes de toda a Republica andará até agora por 4000 milhas, ao custo de 96,000 contos ou 24 contos por milha.

Por um Relatorio official, apresentado ao Congresso americano em 1836, que eu tenho, as estradas de posta sómente, que serviam para o correio, sommavam já algumas 140,000 milhas. Infatigaveis nos seus melhoramentos, é natural que estejam hoje muito mais augmentadas.

Eu não poderei assignalar os rendimentos que produzem todas estas especies de viação. O estado de *New-York* tira dos seus canaes 1280 contos annuaes. E o de *Pensiloania*, dos caminhos de ferro e canaes, 5 por cento sobre o capital desembolsado.

Em 1835 a passagem sobre o canal *Erie* era de 650 viajantes por dia, hoje será do dobro, ou talvez mais, tal é o incremento que tem tido a locomoção naquellas paragens. Não poderei dizer qual é o movimento sobre as estradas de ferro, e de pedra, mas é notorio a todos, que é muito grande.

A America ingleza tem mais riqueza do que população, por isso não nos-deve admirar que n'um ponto dado não apresente o termo medio belga. A America é uma praça, a Belgica um alegrete.

### CUSTO DO TRANSPORTE.

*Passageiros.*

| | Rs. por milha. | Milhas por hora. |
|---|---|---|
| Diligencias | 38, 41, 44, 51, 64, 73, 89. | 5 |
| Caminhos ferro | 25, 28, 41, 42 | 15 |
| Canaes, *Erie* | 26, 13, 8. | 100 por dia |
| Dito diversos | 3, 1, 6 | 52 dito<br>25, 30 dito<br>8, 15 hora |

*Fazendas.*

| | Rs. por arroba | por milha. | Milhas por hora. |
|---|---|---|---|
| Recovagem | 2 | « 1 | Ignoro |
| Canal | $1\frac{1}{2}$ | « 1 | 150, 200 por dia descida |
| « B.l Farinha | $1\frac{1}{2}$ | « 1 | |
| « Pregos | $1\frac{1}{6}$ | « 1 | 100, 112 por dia subida |
| Rio Hudson Farinha | $\frac{1}{10}$ | « 1 | |
| Carga volumosa | $\frac{1}{10}$ | « 1 | |
| Caminho ferro | $\frac{1}{4}\ \frac{2}{5}\ \frac{1}{2}$ | 1 | 15 por hora |

Não póde deixar de haver grande variedade nos preços anotados supra, por causa das extensissimas regiões a que pertencem, e porque em quanto aos das passagens dos viajantes, uns incluem comida e outros são a sêco. O mesmo se-pratíca em Inglaterra em algumas partes, posto que mais sobre os vapores costeiros do que em qualquer outra parte.

*Caminhos de ferro em Allemanha.*

Sendo hoje do consenso universal das gentes os caminhos de ferro, todas as nações cuidam delles. A Austria tem 410 milhas delles que lhe-custaram 25 milhões de cruzados. Sobre elles acaba de transportar 1.600.000 passageiros e 195,000 toneladas de fazendas. Os seus preços de conducção são inferiores aos da Inglaterra, França, e America, iguaes aos da Allemanha, e superiores aos da Belgica. N'este momento mesmo está cuidando em os-desenvolver por mais 80 milhões de cruzados. A Prussia tem 300 milhas dos mesmos por 20 milhões de cruzados. A Saxonia 80 por 9 milhões. Em geral em toda a confederação existem feitas 765 milhas, por 23.040.000$000 réis, estão em construcção 725 ditas por 25.600 contos, e projetam-se 2967 ditas que se se-effectuarem poderão custar 87.680 contos. Pospondo todas estas maravilhas que mais parecem illusões da imaginação, do que realidades, é admiravel a attenção que se-tem em geral, naquelles que estão feitos, com as faculdades das classes pobres. Tenho á vista o movimento em 1841 do caminho de ferro estabelecido entre Francfort e Mayence em que os numeros são os que se-seguem.

| | | |
|---|---|---|
| 1.ª Classe | ..... | 8,210 Viajantes. |
| 2.ª « | ..... | 83,865 |
| 3.ª « | ..... | 204,202 |
| 4.ª « | ..... | 472,274 |
| | | 769,551 |

Nesta tabella pertencem á ultima classe mais de ametade dos passageiros..... que these esta para nós outros.... aonde os caminhantes, pela sua esqualidez e desgraça, mais parecem feras do que creaturas humanas, tanto cuidamos em Portugal em melhorar a sorte dos pequenos! Fóra da Allemanha, igualmente a Russia trata de abrir um caminho de ferro entre *S. Petersburgo* e *Moscow*. O reino de Napoles tambem os-tem. E não sei mesmo se para as bandas de *Cadiz* e *Xerez* existe um que foi feito de pequena extensão ha poucos annos. *(Continuar-se-ha).*

*Claudio Adriano da Costa.*

---

Em o artigo numero 349 do n.º passado, em que tractámos da — ferrugem das oliveiras — dissémos que ácerca de tão grave ponto consultáramos o Sr. *Visconde de Villarinho de S. Romão*, e que logo se-dignára prometter-nos uma Memoria sobre o assumpto. Hoje temos a distincção de a-publicar, com o pezar de a não podermos já levar ao fim, por falta de espaço, como merecia obra de tanto mérito, e que foi feita incessantemente a nosso rogo.

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

378 A oliveira (Olea sativa, Tourn.) (Olea europæa, Linn.) é oriunda da *Asia*, vegeta muito bem na *Palestina*; (1) *Cecrops* (2) a-trouxe de *Sais* (Villa do Baixo *Egypto*) para a *Grecia*, e de *Athenas* veiu para a *Lusitania* durante o dominio dos *Romanos*. Existe ha muitos annos em nosso territorio; porque no Codigo dos *Wisigodos* se-estabelecem penas pecuniarias para evitar a sua destruição. *(Lei 1.ª do tit. 3.º do L. VIII. — (Vide Memorias da Acad. R. das Sc. Tomo 4.º das Mem. Economicas pag. 236.)* A molestia denominada — *ferrugem* — já se-conhecia antes da era de 1500, como me-affirmou, varias vezes, o Reitor da minha Freguezia, nos annos de 1816 a 1820, um dos habilitados legalmente no Arcebispado de Braga para traduzirem os escriptos de letra gothica, e me-disse ter visto um emprasamento muito antigo, no qual havia um additamento declaratorio, em que se-isentava o emprasado de pagar ao Senhorio um almude de azeite nos annos em que viesse a *negra*. E que poderia ser a *negra* senão a ferrugem das oliveiras? Com tudo, parece que esta molestia tinha desapparecido, por muitos annos, perdendo-se a lembrança della; e que tornou a invadir as oliveiras na era de 1780, como se-pode ver na Memoria de *Mr. Bernard*, publicada em 1782, em que elle diz, estarem atacadas todas as que existiam desde a costa de *Marselha* até *Antibas*: — neste mesmo tempo já se-achavam enfermas as do nosso Portugal, como affirma *Antonio Soares Barbosa na sua Memoria inserta no L. 3.º das Mem. Economicas da Ac. das Sc. pag.* 157 § *V.*

Desde o supradito anno de 1780, até ao presente têem sido invadidos da ferrugem todos os olivaes de sitios ardentes, desde o Sul até ao Norte deste Reino, exceptuando-se porém aquelles que se-acham plantados em terrenos húmidos e frescos, de uma certa elevação sobre o nivel do mar; terrenos em que já não vegeta a larangeira, mas ainda prosperam as videiras e produzem fructos doces e bem maduros; terrenos, em fim, que todos os annos são visitados pelas neves; mas que não soffrem (3) os grandes rigores dellas. É certo porém, que a azeitona colhida em sitios quentes das ribeiras, como são as margens do *Douro*, os campos de *Coimbra*, e todos, ou quasi todos os terrenos baixos do Sul do Reino, produz muito mais azeite,

---

(1) Gen. XV. 17.

(2) Herodoto liv. 2, 59 e 62.

(3) As oliveiras chegam a soffrer um grande frio sem gelarem; o Leitor curioso talvez goste de ver aqui um extracto das minhas observações meteorologicas e geoponicas do anno de 1819. — Em a noite do Natal de 1819, estando o vento de Nordeste, agudo e frigidissimo, e marcando o Thermometro 4 graos abaixo de zero, pela escalla de *Reaumur*, dentro do meu escriptorio, que tinha janellas envidraçadas para a parte do meio dia, era sobradado e elevado do terreno 16 palmos, sem portas nem janellas para o Norte, observei que principiou a cair neve miuda e muito secca pelas 11 horas e meia e continuou seguidamente 48 horas. Esta neve permaneceu até ao dia 6 de Janeiro de 1820, e derreteu-se com um tempo macio e ar brando; mas sem chuva.

O pêso que ella tinha por causa de se-elevar muito e formar uma grossa camada sobre os ramos das arvores fez quebrar muitos pinheiros grossos, e curvar os pinhaes novos espessos, causando-lhes gravissimos prejuizos; da mesma forma fez quebrar muitas oliveiras; mas nenhuma seccou nos meus olivaes, nem mesmo naquelles que ainda estão plantados em terrenos mais elevados e mais proximos das serras, como por exemplo os de *Formentões*. Este anno foi abundante em azeite nos sitios altos; mas pelas margens do rio *Douro* e *Pinhão* foi escaço por causa de estarem as oliveiras atacadas da *ferrugem*.

se por accaso não está doente com a ferrugem, ou com a gafeira; mas são mui raros os annos em que isto deixa de accontecer. A azeitona colhida em terrenos altos, mas de clima ameno e fresco, produz menos azeite, porém mui fino, mui sápido, e não é atacada da ferrugem nem da gafeira; aquella em fim que se-cria em terrenos mais frios e já da serra, rende pouco em azeite; este é mais verde e menos saboroso. Em razão de ter eu os meus olivaes em terrenos mui proprios para a vegetação das oliveiras, terrenos de uma mediana frescura e mediana elevação relativamente ás serras de *Vilella* e de N. S.ª da *Azinheira*, bem como ás margens profundas do rio *Douro* na emboccadura do rio *Pinhão*, posso affirmar que nunca entrou nelles a ferrugem, pelo espaço de 50 annos que os-conheço, nem havia memoria de tal lhes-haver acontecido. Pela mesma forma é alli desconhecida a *gafeira*, e quasi todas as molestias que destroem mais ou menos as oliveiras: — cuja causa não posso atribuir senão ao clima; porque em pequena distancia delles, junto do ribeiro dos *Levados*, já a ferrugem faz estragos; porém muito menos e com menor effeito do que no *Pinhão*.

Estas observações são importantissimas para o que tenho a dizer mais adiante; — accrescentando agora que outros muitos olivaes conheço isentos da ferrugem por se-acharem em circumstancias identicas: tal é por exemplo o de *Salzedas*, pertencente ao extincto Mosteiro de *S. Bernardo*, e que foi plantado por ordem de *Frei Filippe de Albuquerque*. — O viajante que da provincia de *Traz-os-Montes* vem passar na barca da *Folgoza*, e vê alli todas as oliveiras enlutadas, á proporção que vai subindo a íngreme costa da *Lampreia* vai vendo diminuir aquella enfermidade, vai sentindo no interior do peito um ar mais puro, e menos pesado, até que, emfim, respira livremente nos terrenos elevados, e passa junto do bello olival acima dito, aonde vê as oliveiras sadias, viçosas e verdes.

Tendo referido as observações que tenho feito ácerca da molestia denominada *ferrugem das oliveiras*, direi agora que muitos homens sabios, tanto nacionaes como estrangeiros, a-têem attribuido á picada de um insecto do genero *Coccus* de Linnêo, *(Coccus Hesperidum)*; nem falta quem diga ser o dito insecto de um genero particular, proprio das oliveiras, larangeiras, limoeiros etc., e que deve ser chamado *Coccus oleæ (Soares Barbosa. Mem. da Ac. das Sc.)*

Mas é certo que o dicto insecto vai procurar sobre as folhas da oliveira enferma o seu alimento, e não é causa da molestia: — Quando se-lhe-apresenta um ramo são, corre inquieto e apressado pelas ditas folhas e não se-fixa em nenhuma; o contrario pratica se o dito ramo está enferrujado; pois então logo se-apéga á primeira pasta de humor viscoso que nellas acha adherente.

Têem-se visto oliveiras, fora do contacto das doentes, adoecerem em poucas horas e cobrirem-se de uma especie de verniz que lhes-empasta as folhas, e as-torna luzentes e por modo de prateadas, sem que nellas andasse o *Coccus* nem se visse um só individuo deste genero. As observações desta natureza são mui raras, e por isso referirei o que me-contou um Lavrador abastado, das immediações de Lisboa, que tem propriedades na ribeira de *Caneças*, e se-chama *Manoel Rodrigues*: é homem de 70 annos de idade, muito verdadeiro e digno de todo o credito. Estava elle pelas horas da sésta em dia de muito calor debaixo de uma das oliveiras, da sua fazenda; eis-que, tirando o seu chapeo, sente cair-lhe na cabeça umas gotas de um liquido gommôso; e como continuasse, se-levantou e olhando para as folhas das referidas oliveiras, viu que estavam a modo de envernizadas, que pelo meio de cada folha corria uma estria da seiva, a qual formava gota na ponta e depois caía. Quando elle se-tinha assentado debaixo, ainda a dita seiva não corria, nem tinha visto envernizadas as folhas das suas oliveiras; pouco depois recolheu-se a sua casa e voltando no outro dia achou-as cobertas de ferrugem: este caso aconteceu ha cousa de 5 annos, e foi-me por elle contado pouco depois de ter acontecido.

Mr. *Du-Hamel* diz que vira os salgueiros de Carcassona destilarem pelas suas folhas uma especie de manná similhante ao da *Calábria*, estando o tempo muito quente, e marcando o Thermometro centigrado 30 — 31 — e 32 gráos *(Trait. des Arb. T. 1.° cap. 5.° art. 1.° num. 4.°)* No anno de 1824 no mez de Junho vi eu as estevas dos montes immediatos a *Sagres*, no Algarve, destilarem pelas folhas tanto humor viscoso, que ninguem podia andar por entre ellas, sem trazer os vestidos estragados como se viessem untados de pez, e até os cães de coelho sahiam de entre o mato com o pello tão empastado como se lhes-tivesse corrido por cima um rodilhão de breu derretido. Ora, aquelle estio foi ardentissimo, e as estevas têem propensão e natureza para destilarem uma especie de manná; — todavia em tanta quantidade nunca o-tinha visto, e muitas vezes andei por ellas em *Traz-os-Montes* sem que as folhas manchassem os vestidos por similhante forma. Notei mais naquelle anno, nos matos de *Sagres*, que as ditas estevas estavam tão negras como as oliveiras, igualmente cobertas de um pó negro similhante ao carvão.

O nosso Academico, acima referido, *Antonio Soares Barbosa*, attribue a uma carbonisação espontanea este pó negro que se-vê nas oliveiras, larangeiras, figueiras, pereiras etc., e diz que o succo seivoso depois de extravasado se-decompõe com a luz e ar, e se-reduz a carvão. Sem contrariar inteiramente esta opinião, parece-me que elle talvez tenha outra origem, e que seja o mesmo pó negro do murrão dos trigos e dos folliculos das canas de milho grosso, isto é que seja um cogumello do genero *uredo*. Pelo menos ha muita analogia entre um e outro; porque tem o mesmo aspecto e a mesma qualidade contagiosa. O murrão, ou ferrugem do trigo, não sómente contagía os bagos da mesma espiga, mas tambem das visinhas, contagía a sevada, o milho miudo, e até as espigas das *milhãs* (erva que nasce por entre as searas). Nem se-diga que elle procede das más estações, das nevoas, humidades etc. Estas são favoraveis ao seu desenvolvimento; mas não são as causas principaes; porque as sementes de trigo enferrujado produzem searas enferrujadas, seja qualquer que for a estação, secca ou húmida. E se as sementes forem emergidas em dissoluções alcalinas purificam-se e a molestia desapparece; porque a tenuissima e quasi imperceptivel planta do genero *uredo* que forma esse pó negro morre com a causticidade do alcali: em fim não me-cansarei em provar uma cousa já muito sabida por todos os botanicos. *(Vide Compendio de Botanica, por A. Albino da*

*Fonseca Benevides (4) Socio da Ac. R. das Sc. publicado por ordem da mesma Academia no anno de 1837 pag. 273).* *(Continuar-se-ha.)*

*Visconde de Villarinho de S. Romão.*

SOBRE A EPIDEMIA DA BEIRA-ALTA.

*(Veja os Artigos n.º 342 e 365)*

379 Até este momento nenhuma communicação official sobre tal assumpto recebeu o Concelho de Saude Pública do Reino, circumstancia que serve de texto ás judiciosissimas reflexões do seu benemérito Vice-Presidente; pesa-nos que a falta de espaço nos-force a addiar a publicação da memoria que recebemos.

Todavia, para aplacar a impaciente curiosidade do público, aqui transcrevemos uma carta recebida do proprio médico da *Pesqueira*, que estudou e tratou a molestia desde a sua invasão; supprimindo sómente da sua participação extensa, provas de louvavel modestia, e limitando-nos á enumeração de factos.

Tivemos tambem o gosto de receber uma carta do Sr. *José Maria Villafanha Coutinho*, administrador do Concelho de *Pinhel*, afiançando-nos o seguinte:

Os centos de pessoas, que se-diziam haver morrido reduzem-se em realidade á cifra de vinte e duas, das quaes dez pereceram por molestias chronicas, que padeciam, e puramente da enfermidade só doze, e ainda estas quasi todas por desmanchos; porque o Medico d'aquella cidade o Sr. *Manoel Feliciano da Costa Almeida*, não só pela sua sciencia e pericia, senão tambem por sua caridade e zêlo extremosissimo, tem curado a todos aquelles que se-têem devidamente sugeitado ao tratamento, chegando a pagar os remedios, e alimentando os necessitados. A molestia era uma febre gastrica; e já a 11 do corrente se-achava extincta.

A epidemia do Concelho da *Pesqueira* não é contagiosa: ataca sem distincção ambos os sexos, e exclusivamente as pessoas a quem profissão ou posição social expõe ás destemperanças athmosfericas: — assim tem ella respeitado todas as que por sua fortuna não carecem de sair dos seus limiares para procurar os necessarios da vida. As idades e temperamentos parecem não ter influencia alguma no seu desenvolvimento.

Os primeiros symptomas que se-manifestam são os d'uma irritação gastro-intestinal que invade sem precursores, e quasi de chofre: e secundariamente se-desenvolvem os d'uma irritação cerebral e cutanea. Alguns com tudo cáem logo com perda de sentidos e como fulminados.

Dor de ventre — extrema anciedade — vomitos ou diarrhea — calafrios fortissimos — suor frio — concentração de pulso — lividez e erupção urticarea de pelle — taes são os symptomas que na maioria dos casos abrem a scena morbida: algumas horas depois cephalalgia violenta, frequencia e dureza de pulso ou rapida perda de sentidos. Então a respiração é difficultosa e o doente prêsa da mais viva afflição: — faz movimentos desordenados — geme sem nada pronunciar — não se-demora um instante na mesma posição — arroja para longe as coberturas e não dá signal de perceber o que se-passa em redor.

Depois sobrevem uma extrema prostração de forças e insensibilidade de pulso — o doente fica immovel.

Com estes ultimos symptomas só ainda vi um doente que meia hora depois da minha visita expirou (*unica victima que a molestia tem feito neste Concelho*, apesar de ter acommettido para cima de cem pessoas — com mais ou menos violencia).

Um banho d'agua morna geral, ou simplesmente de assento ficando o ventre mergulhado no liquido, por espaço de meia ou uma hora — decoctos de substancias emolientes, sedantes e d'essas que se-diz terem uma acção sistente — clisteres da mesma natureza — sangrias epigastricas ou a phlebotomia e revulsivos aos extremos inferiores, taes são os meios de que triumphantemente me-tenho servido para combater a molestia: fazendo mais especial ou exclusivo uso d'este ou d'aquelle segundo as indicações. Ao fim de oito dias — o mais — tem os meus doentes entrado em perfeita convalescença!!! Os mais perigosos que tenho visitado estavam sem sentidos ha menos de hora: — um pediluvio irritante, e logo a sangria, são os meios por onde encéto o tratamento.

O que morreu era prêsa deste estado havia seis horas, tendo-lhe principiado o padecimento dôze horas, antes de caír nelle. Nenhuns soccorros se-lhe-haviam ministrado. Mandei-lhe applicar os pediluvios synapisados e um clyster de folhas frescas de tabaco afim de reanima-lo para o-sangrar: não o-consegui — meia hora depois morreu.

A epidemia ainda continúa, mas já tem afrouxado. Na *Pesqueira* é onde principiou, e onde tem insistido mais; no entanto não foi aqui que o inimigo achou a sua victima.

Pesqueira 10 de Maio de 1842.

*Antonio José Teixeira Junior.*

ALGARVE. — TERRAS INCULTAS. — BICHOS DE SEDA.

380 Um correspondente nosso de *Loulé* queixa-se amargamente da negligencia de muitos proprietarios de ferteis terrenos por aquellas immediações, os quaes com manifesto detrimento público deixam de agricultar espaços immensos. Não podendo transcrever integralmente o seu artigo, aqui extractaremos parte, sem que por sua doutrina nos-responsabilisemos:

— « Grande infelicidade é para esta Provincia o seu avultado numero de morgados, os quaes nenhum caso fazem, por via de regra, da cultura das suas terras, em quanto os pobres montanhezes suam, dia e noute, para fazer bocados de barrocal que nunca lhes-pagam o juro de 2 por 100! O contraste nesta freguezia, por exemplo, é espantoso; as terras de morgados são pousios; nas outras a agricultura está levada ao seu maior auge, e não é culpa da natureza nem dos lavradores se não rende mais. Foi talvez por ignorar esta circumstancia, que o Sr. *João Baptista da Silva Lopes*, na sua *Corographia do Algarve* affirmou que os Louletanos não são laboriosos, em quanto ha grande extensão, na proximidade desta Villa, onde se-vê a mão do homem em qualquer direcção que se-lancem os olhos, e junto a ella mui boas quintas, porque o chão é fertil, a agua abundante e boa. A do *Rosal*,

(4) O meu illustre Collega e Amigo, acima referido, diz que a molestia do trigo e de outras plantas gramineas, denominada carvão (*ferrugem ou murrão*) é essencialmente produzida pelas chuvas continuadas e athmosfera nebulosa; mas eu sou de outra opinião e digo que é *essencialmente desenvolvida*; porque a humidade faz amollecer a farinha do grão, alarga-lhe a casca, abre os poros e desta sorte facilita o desenvolvimento do cogumélo do genero uredo.

por exemplo, rende, só pelo pomar de espinho, perto de cinco mil cruzados; e tem além disso 5 asenhas que dão, livres, ao senhorio, de 25 a 30 moios por anno. Junto a estas asenhas ha mais de 200 pés d'amoreira branca, que seu primeiro dono mandou plantar para criação de bixos de seda, e até do Minho mandou vir gente para a-tecer aqui mesmo; é porém para notar que, hoje que a cultura das amoreiras está aperfeiçoadissima, não ha em *Loulé* quem se-dê ao trabalho de criar, nem mesmo quem entenda de similhante materia; será o clima improprio? tão pouco o-é, que abandonando-se os ovos n'uma gaveta, começam logo a desenvolver-se, ainda antes de brotarem as amoreiras, e até os rapazes sustentam os bixos com folhas d'alface. »

STRABISMO.

381 O D.or Kessler, Medico de S. M. o Senhor D. Fernando, fez ultimamente a um homem em ambos os olhos, e com a maior rapidez e perfeição, a operação do Strabismo. Já por vezes neste Jornal temos fallado da altissima importancia d'este invento cirurgico, tão moderno e já tão geral por toda a parte illustrada da Europa.

Na capital da França, não ha já uma pessoa com os olhos tortos, outro tanto poderá entre nós acontecer: o Sr. Kessler não é o unico, nem já o primeiro, que em *Lisboa* tem operado do Strabismo.

O CAVALLO NO AÇOUGUE É VACCA.

382 Em uma grande cidade de *Wurtemberg*, ha uma sociedade de *Hippophagos*, encarregada de fazer adoptar *o gosto* de cosinhar a carne de cavallo. — Em *Stuttgard*, capital do Ducado, houve ha pouco um jantar de 101 pessoas — onde foi servido *cavallo* cosido — assado — espetado — lardeado — e albardado, — e tambem excellente caldo d'elle. Muitos dos convidados declararam que nenhuma differença havia da carne de vacca. Será isto ensaio para algum aperto de guerra — ou para que se-veja que este seculo engole tudo? — Mas seriamente fallando, o manter-se o homem de um animal tão limpo; elle que tem (e com razão) o porco por tamanho regallo, só a preoccupação filha do desuso o-poderia reprovar. A adopção deste novo prato, aproveitando muitos cavallos sem prestimo, poderá augmentar os meios de subsistencia.

# VARIEDADES.

## COMMEMORAÇÕES.

### A FEIRA DA TRINDADE.

*Maio* 22 *de* 1563.

383 Levantada que fosse — a feira das Amoreiras — que ora está armada, tinhamos — a da Trindade — instituida por motivo d'uma festa dada na erecção de uma irmandade de Terceiros. — Mas isso era no tempo que ahi na larga rua de S. Roque havia um Convento, que por esmolas dos fieis e com donativos da nossa Rainha Santa, se-alevantou em 1289 — no sitio da Ermida que ElRei D. Affonso 2.° doára em 1218 — com todo o Bairro-alto a *uns homens* de habito branco com uma cruz sobre o peito, cujo instituto era ir resgatar os christãos captivos nas guerras de Mouros. Eram estes os frades da Trindade, que a tão perigoso serviço se-obrigavam. Povoavam elles este Convento, primeiro que houve em Lisboa depois do de S. Vicente, e dos mais sumptuosos que nella existiram. Santa Izabel queria alli ser sepultada antes de erigir Santa Clara em Coimbra, por isso curára tanto delle; e onde dedicou uma capella a N. S. da Conceição, que foi a primeira desta invocação que houve em Portugal. Ao Convento pertencia o campo de S. Roque, que constava de terras de pão, e olival, que tudo *lhe-aforaram* os Jesuitas para fazer o Collegio de S. Roque, onde hoje está a Santa Casa da Misericordia — assim como a herdade do olival que os frades *aforaram* a diversos para se-fazerem as ruas que desembocam na calçada do Duque, n'aquelle tempo — calçada do postigo de S. Roque. — Pelo terremoto tinha este Convento ficado um montão de ruinas, e ahi se-perderam entre muitas preciosidades dous famosos orgãos — valor de cincoenta mil cruzados — e a mais rica livraria conventual que houve, avaliada em duzentos mil cruzados. Em quanto ElRei D. João 3.° se não resolveu a dar os Paços dos Estáos no Rocio para o estabelecimento da Inquisição, na Trindade se-esteve aquelle Tribunal.

Se algum estranho quizer saber onde foi o *berço* e o *túmulo* da Inquisição em Portugal — como atinará, vendo na Trindade muita casaría moderna — e no Rocio o theatro normal?

Defenda-nos Deos de reprovar a substituição: mas porque entendemos que toda a memoria historica, de qualquer vulto, natureza e moralidade que seja, é sempre preciosa — como curiosidade, e como lição, não nos péza de substituir assim aos monumentos edificados que *se-destroem*, uma pequena lembrança impressa que — *sempre dura*.

*A. da Sylva Tullio.*

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

*(Continuação de pag. 371).*

384 Como seu primo *Raimundo* Conde de *Borgonha*; como os demais cavalleiros francezes que n'aquella epocha vinham exercitar nas Hespanhas a maxima virtude do seculo — o guerrear o Islamismo, *Henrique* 4.°, filho de outro *Henrique* senhor de *Borgonha* ducado, serviu ao que parece por muito tempo nos exercitos de *Affonso* 6.° As conquistas de *Fernando Magno* tinham alargado os ambitos do imperio leonez; *Affonso* 6.° seguiu a carreira gloriosa de seu Pai, e *Toledo*, a antiga capital dos Godos, caíu em suas mãos. Pelo lado de Portugal os dominios de *Fernando Magno* tinham-se estendido até *Coimbra*. Seu filho continuou a guerra por esta parte, e chegou a apossar-se temporariamente de *Santarem*, *Lisboa e Cintra*, mas empregou principalmente as fôrças para o lado de *Toledo*. O conde *Raimundo de Borgonha*, marido de sua filha D. *Urraca*, foi por elle encarregado do governo da Galliza, incluindo nesse territorio tudo o que corre desde o *Minho* até o *Mondego*, e depois até o Téjo, o que nesse tempo ora se-considerava como parte da Galliza, ora como um ou mais condados distinctos d'ella (1), constituindo no todo, talvez, a mais vasta provincia do reino de *Leão e Castella*.

Mas esta mesma grandeza tornava necessaria a divisão do territorio, porque estabelecida a authoridade militar, civil, e

(1) Póde vêr-se esta materia resumida e claramente tractada na Memoria de S. Ex.ª o actual Patriarcha Eleito no T. 12 parte 2.ª das Mem. da Acad. Real.

política no centro da actual Galliza, não era facil nem administrar bem os logares mais remotos para o sul, nem proseguir com energia e actividade a guerra na frontaria dos mouros. Este pensamento deu provavelmente origem á escolha de *Henrique* para governar as terras que se-estendiam desde o *Minho* até as raias da provincia conhecida entre os arabes pelo nome generico d'*Algarb*; (2) e por ventura a derrota que padeceu o conde *Raimundo* n'uma entrada que fizera até *Lisboa* (3) pelos annos de 1094 serviu para apressar a realisação deste pensamento. Ou *Henrique* fôsse já conde e genro d'el-rei, ou nesta occasião casasse, e recebesse esse titulo (4) pelo governo que se-lhe-encarregava, o que é certo é que no principio de 1095 elle governava *Coimbra*, em 1096 o territorio de *Braga*, incontestavelmente desde o *Minho* até o Téjo em 1097. (5) Se ao principio esteve subordinado a *Raimundo* na administração parcial de *Coimbra* e de *Braga;* se logo governou independente d'elle toda do Portugal moderno, conquistada já então aos mouros, é cousa que me-parece não se-poder affirmar nem negar, e que talvez algum dia se-haja de resolver, quando venha a ser conhecido maior numero de documentos d'aquella epocha.

O novo conde deu provavelmente então toda a actividade á guerra com os sarracenos; ainda que as noticias dos primeiros annos do seu governo sejam bastante escaças. A viagem, porêm, que emprehendeu á Terra-Santa nos primeiros annos do 12.º seculo retardou por certo as suas conquistas. Esta viagem intentada depois de 1100 estava indubitavelmente concluida em 1106, em que *Henrique* apparece fazendo uma doação a dous presbyteros de uma herdade em *Céa*. (6) Desde então até á sua morte em 1112 elle proseguiu na administração do territorio que lhe-fora confiado por *Affonso* 6.º, e foi no periodo que decorre de 1109, epocha da morte do rei de *Leão*, que elle se-preparou para tornar estado independente o condado que lhe-fora dado para reger como simples consul ou governador. É a este tempo que me-parece pertencer o pacto successorio entre *Henrique* e *Raimundo*, isto é, aos fins de 1106 ou principios de 1107, anno do fallecimento de *Raimundo* (7). *Henrique* foi mais feliz sobrevivendo ao sogro, e recusando depois da morte deste reconhecer a supremacia de *D. Urraca*, que succedera a seu pae por falta d'herdeiro varão, tendo morrido na batalha d'Uclés o infante *D. Sancho*, para quem, parece, elle procurava a eleição dos hespanhoes, por seu fallecimento.

*Affonso* 6.º foi incontestavelmente um habil e valoroso rei: a morte porêm de *Sancho* destruiu todos os seus intentos, e abreviou-lhe por ventura a vida. Proximo a morrer, viu que a Hespanha Leonesa se-dividiria em facções, e a experiencia do passado lhe-ensinava que isto seria a causa da sua ruina. Assim tendo já dado dous annos antes a investidura da Gallisa a seu neto *Affonso Raimundez* (8), cuja mãe e sua filha mais velha, a viuva *D. Urraca* ficava, na falta de filho varão successora do reino, ordenou a esta casasse com *Affonso* o batalhador, rei d'*Aragão*, rude e grosseiro soldado, mas por isso mesmo capaz de conservar a integridade do estado Leonez (9). Por morte de *D. Urraca* a coroa devia passar para *Affonso Raimundez*, que entretanto possuiria a Gallisa. Estas disposições de *Affonso* 6.º cumpriram-se; mas não produziram todo o effeito salutar, que elle d'ahi esperava, pelo caracter das personagens a quem respeitavam, ou que deviam contribuir para o seu cumprimento.

A dissolução dos costumes naquelles seculos era geral, e *D. Urraca* não escapou a ella. Naturalmente d'ahi nasceram as suas dissenções com o rei aragonez, que com a brutalidade propria dos tempos chegou a espanca-la. (10) A separação dos dous conjuges deu aso á guerra civil, e ás suas terriveis consequencias n'uma epocha em que o vicio, a perversidade, e a cubiça se-apresentavam em todo o seu vigor barbaro, e sem o veu hypocrita com que nestes tempos mais politicos se-costumam esconder. Os nobres e cavalleiros, a titulo de pertencerem a este ou áquelle bando, apossavam-se dos castellos de que eram alcaides, ou construiam-nos de novo, e d'alli faziam guerra por sua conta, ou os-convertiam em covis de salteadores, d'onde sahiam a roubar ou matar os viandantes e mercadores. Tal é pelo menos o quadro que do estado da Galliza faz a Historia Compostellana, e que era provavelmente similhante no resto do imperio leonez. Tal pelo menos no-lo devem fazer suppor as palavras de *Pelaio de Oviedo*, quando assevera que por morte d'*Affonso* 6.º o lucto e as tribulações cubriram o solo da Peninsula.

Foi no meio destas perturbações que o conde *Henrique* pôde assegurar, senão de direito, ao menos de facto, a independencia das terras que governava. Ora mostrando-se favoravel ao moço *Affonso Raymundez* contra a mãe e padrasto, (que se-tinham temporariamente congraçado) e incitando *Pedro Froylaz* conde de *Trava*, aio do infante, a sustentar animosamente a causa do seu pupillo, quando o-veio (11) sobre isso consultar; ora colligando-se com o rei d'*Aragão* contra *D. Urraca*, divorciada de novo do marido no anno seguinte de 1111, (12), *Henri-*

(2) «Os escriptores arabes costumam dar o nome d'*Al garb*, isto é occidente, á Lusitania. É menos vulgar darem o mesmo nome á *Africa* ou *Mauritania*, a que chamam Almagreb, para a distinguir d'aquella.» *Casiri* T. 2 pag. 143.

(3) *Historia Compostel* L. 2 C. 53. Comparada esta passagem com os chronicões de Pelaio, Conimbricense, e Complutense, que referem a conquista de *Coria*, *Lisboa*, *Cintra* e *Santarem* por *Affonso* 6.º em 1093, póde se crer que as perdeu em todo ou em parte logo no anno seguinte.

(4) Havia então condes apenas titulares, que serviam junto ao Rei, e condes que alcançavam este titulo por governarem districtos ou condados. Consulte-se Masdeu T. 13 pag. 37 e 38.

(5) *J. P. Ribeiro* Dissert. Chronol. e Crit. T. 3.º pag. 33 e 34.

(6) De nenhum dos documentos, não suspeitos, colligidos por J. P. Ribeiro (Dissert. Chr. e Crit. T. 3 P. 1 pag. 39 a 43) relativos ao conde *Henrique*, e pertencentes a esta epocha se-pode concluir a sua assistencia nas Hespanhas desde o anno de 1101 até os principios de 1106.

(7) Este pacto secreto, pelo qual os dous condes repartiam entre si os dominios d'*Affonso* 6.º, ficando *Raimundo* com o principal como mais poderoso, póde ver-se em *J. P. Ribeiro* Diss. Chron. T. 3 P. 1. pag. 45,

(8) H. Compost. L. 1. c. 46, e 47. in princip.

(9) Outros dizem que os nobres resolveram em cortes este casamento.

(10) Sobre esta narração consulte-se o discurso de *D. Urraca* perante os nobres da Galliza (H. Compost. L. 1. c. 64) em que se-queixa d'elrei a haver coberto de injurias, murros, bofetadas, pontapés etc.

(11) O illustre sabio a que já alludi, diz (Mem. da Acad. T. 12 P. 2 para 19) que nesta occasião Henrique estava em Galliza, fundando-se no Capitulo 48 Liv. 1.º da *Hist. Compostel.* Eu entendo exactamente o contrario, por me parecer que Flores leu mal *acersentes* em vez d'*accedentes*, á vista do que segue abaixo. Eis a passagem: «Undè vehementi moerore affecti, Consulem Enricum, praefati pueri avunculum, celeriter *acersentes* quid ex hoc rei eventu acturi essent, diligenti cura consuluerunt: *cujus prudenti consilio fortiter excitatus Consul Petrus* quosdam ex illis, qui jusjurandum filio Comitis *(Raimundo;)* mentiebantur juxta Castrum Soricis *in itinere* cepit, et cum eis *in Gallaeciam* celeri curso *regreditur.*» O que vae em italico mostra bem que não foi o Conde Henrique *chamado* á Galliza, mas que *vieram* fallar com elle a Portugal. E até pouco de crer é que sendo os fidalgos de Gallisa quem pedia conselho, Henrique, muito mais poderoso que elles, *fosse chamado* a dar-lho em vez de o-virem procurar para esse fim. Todavia a questão é de bem pouco momento, e não tocaria nella se me não parecesse poder servir para emendar aquelle logar da , para os primeiros tempos da Monarchia, tão importante, Historia Compostelana.

(12) Os Annaes Complutenses á era 1149 dizem: *Rex Adefonsus Aragonensis et comes Henricus occiderunt comitem Domno Gomez in campo de Spina.* Os Annaes Compostellanos fallam da morte do Conde *Gomez*, mas não dizem, como parece da-lo a entender *J. P. Ribeiro* (Diss. Chron. T. 3 P. 1 pag. 7) e o Exm.º Sr. Patriarcha Eleito (Mem. do Conde D. *Henrique*) que fosse em campo de Spina ou que ahi estivesse o Conde *Henrique*, e talvez até alludam á morte de outro Conde *Gomez*, porque as suas palavras são unicamente: =*Era* 1149 *occiderunt Comitem Gometium.*

*que* evidentemente procurava aproveitar nas dissenções civis a occasião de constituir independente o seu condado, e com effeito, procrastinadas as perturbações da Hespanha quasi até 1126, elle faleceu em 1112, deixando o governo a sua mulher *D. Theresa*, sem nunca submetter o collo ao jugo de *D. Urraca*.

É resumidamente nisto que me-parece encerrar-se a historia da separação de Portugal da monarchia leonesa. Sobre a origem deste facto tem-se discursado muito, porque com a legitimidade delle quizeram legitimar a nossa independencia os escriptores portuguezes, e com a sua illegitimidade impugnal-a os escriptores castelhanos. Ha um ou dous seculos tal materia poderia ainda parecer grave á luz politica; hoje, porém, não sei eu se tocaria, a similhante luz, as raias de ridicula. Qual é a nação que não vae achar no seu berço uma violencia, ou uma illegalidade? E que tem com isso o presente? *Somos independentes porque o queremos ser:* eis a razão absoluta, cabal, incontrastavel, da nossa individualidade nacional. E se essa não bastasse, ahi estão escriptos com sangue, desde Valdevez até Montes-Claros, por toda esta nobre e livre terra de Portugal, os titulos da nossa alforria. Com subtilisar ou torcer a historia não é que se-defende a patria: a sua defensão está em saberem seus filhos pelejar por ella, quando o soldado estrangeiro ousar accommetter a terra que nos-herdaram nossos paes, e onde elles morreram livres, como nós havemos de morrer. *(Continuar-se-ha.)*

*A. Herculano.*

VISTA EXTERIOR DE COIMBRA.

385 Mas já vejo a branca fronte
Da alta *Coimbra*, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a arêa doirada
Vejo ao longe a antiga ponte.

*N. Tolentino.*

As estradas, que do *Porto* ou de *Lisboa* conduzem a *Coimbra*, cortando commummente por brenhas serradas, descampados inferteis, pinhaes extensissimos mas sem magestade, e povoações pobres e derramadissimas, preparam o caminhante com disposições de tristeza, para contemplar a scena de *Coimbra*, que, similhante a uma piramide esculpida, se-alevanta dominadora dos seus fresquissimos e saudosissimos arredores, e do tranquillo Mondego, que se-revolve mansamente a seus pés, como uma fita branca lançada por meio de um tapete de verdura.

Quanto é bella a apparencia desta multidão de casas, differentes na fabrica, nas côres, e na altura, entresachadas de gothicos palacios, mostrando ainda pela fórma acastellada os longos seculos de sua existencia? (*) Quanto se-deleita a vista na gradação variada, com que se-vão apinhando os edificios, apparecendo crista do monte, como patriarcha e rei de todos, o *Paço das Escólas*, com a sua *torre quadrangular?*

Ou se-aviste *Coimbra* quando o astro do dia surgindo no horisonte espalha seus raios sobre a cidade, ou quando já vai a submergir-se no oceano para renascer mais brilhante e luminoso, ou em fim quando o pálido clarão d'uma lua desmaiada apenas deixa vêr indistinctamente os objectos, sempre a *Rainha da Beira* apparece magestosa e com gracioso donaire; porém em quadra nenhuma ostenta mais *solemne* perspectiva que olhada do *monte da Esperança* em noite bem escura.

(*) O de D. *Maria Telles de Menezes*, irmã da Rainha D. *Leonor*, é o que mais especialmente fere os olhos de quem contempla a cidade.

Nos confins de um horisonte nebuloso e melancolico, no meio de um silencio profundo, enxerga-se a cidade, qual montanha longinqua: espesso véo de negras sombras a-envolve desde o viso até ás raizes do outeiro; nem homens, nem animaes, nem habitações se-avistam; atravez porém do escuro manto reverbera o fulgor de numerosos lumes. —É que, lampejando milhares de luzes por entre as vidraças das janellas, vem formar um contraste maravilhoso com a escuridão da noite; e o vulto enorme da cidade, negrejando por entre a claridade destas luzes, amostra-se como fantasma gigante cercado de estrellas. — E que idéas não affluem ao pensamento, ao contemplar tão primoroso quadro?! Lembram esses palacios encantados, tão ricos de ouro e pedraria, de que nos bellos dias da infancia ouvimos embevecidos a mui longa e mui curiosa historia.

Em verdade *Coimbra*, a mais bem situada de todas as nossas cidades (embora *Braga* lhe-dispute a preeminencia que a não beija um *Mondego placido e cristallino)*, e edificada em fórma de amphitheatro, offerece o mais magestoso aspecto. *R. de Gusmão.*

AGRICULTURA, TRADUCÇÃO DE BASPAIL.

386 A agricultura da Peninsula, que tanto progredia no tempo dos Arabes, parece, que estafada de andar tão rapida, parou; e quasi parada tem estado, em quanto nos outros paizes prospéra auxiliada pelo aperfeiçoamento e vulgarisação das sciencias.

Deixa o lavrador as terras de pousio para virem as sementes bravias cançal-as, e fazer por si o enfolhamento, que elle poderia ter feito a seu gosto, alternando a cultura: ainda neste uso andam idéas do tempo dos Mouros. — Açoitam-se e castigam-se as oliveiras em recompensa do fructo que deram: bem parece isto obra de Mouros. — Derrotam-se as matas, e cortam-se as arvores, que tantos beneficios dispendem: tambem não parece de christãos. — Para se-ir da *Moita* a *Setubal* subiam os Mouros ao alto de *Palmella* (talvez a pagar a *alcavala* ao alcaide), hoje não ha já nem alcaide, nem alcavala, e ainda se não fez pelo valle em baixo uma estrada muito mais curta e plana: não parece europeu. — E que diremos dos carros de grossos eixos moveis, com chapas de trilho aguçadas, e pregos de rasto de cabeça? Será portuguez, mas na Torre de Londres mostrava-se (por dinheiro já se-sabe) um carro igual a estes em tudo, e dava-se como carro dos Mouros. Mal sabiam os amigos bretões, que lhes-poderiamos inculcar muitas destas raridades — principalmente agora que é natural se-lhes-queimasse o antigo. — Já houve quem dissesse que se fosse incumbido de dar o plano para uma machina de matar bois e descalçar calçadas, inculcaria o carro portuguez.

Mas que ha de ser onde não ha uma escóla de agricultura? Havendo-a, os discipulos iriam pouco e pouco insistindo nas suas terras em substituir á cultura habitual (ás vezes quasi barbara ou selvagem) a scientifica, e mais rasoavel; o exemplo seria o melhor incentivo; e em uma ou duas gerações se-veriam maravilhas.

Para de algum modo ir supprindo a falta de uma tal escóla, e propagar os conhecimentos que nella deveriam ser miudamente explicados, e desenvolvidos, tomou o Sr. Dr. *Figueiredo* a resolução de consagrar

parte do seu tempo ao arranjo e publicação de um curso elementar de Agricultura. Escolheu a obra de *Raspail* — e publicou della uma traducção portugueza. — Consta de cinco tractados: os tres primeiros comprehendendo o que diz respeito ao lavrador, ao hortelão e ao cultivador de arvores e matas; — já correm públicos com a merecida acceitação: — o quarto que tracta das plantas de mimo e recreio acaba de sair á luz; e breve esperamos ver completa a traducção com a ultima parte, que envolve a economia rural. A linguagem que emprega o Sr. Dr. *Figueiredo* é pura e castigada: bem póde servir de envergonhar os que cultivando as sciencias menosprezam a lingua, só porque a não sabem; não a-conhecem porque a não estudam. As excellentes notas que adornam os differentes tractados concorrem sobre tudo para fazer a traducção muito estimavel.

Não aspira o Sr. Dr. *Figueiredo* a com esta sua publicação formar lavradores instruidos n'uma ou n'outra cultura especial; mas ao fim primario, e não menos essencial, de os-ir instruindo no que abrange a sua profissão; fazer arreigar o amor á sciencia agricola, e contribuir para que algum dia venha a haver algum tractado de mais pratica, e applicações, já experimentadas no paiz, e por que tantos almejam.

Quanto ao reparo de alguns, de ser livro originariamente escripto para o clima de *Paris*, que fica obra de 10 gráos ou 180 leguas ao norte de *Lisboa*, e parecer ás vezes demasiado friorento, ou antes muito embuçado contra os frios, ventos e geadas, não vemos que disso resulte mal algum. Não falta quem o-defenda com os ditados que dizem — cautela não faz mal ao doente; — e antes suar que tremer. — O tempo irá melhor ensinando (ou terá já ensinado) quaes dessas cautelas se-devem dispensar, e virá de todo provar que os paizes em que a vinha, a oliveira, a romeira, a larangeira crescem quasi em toda a parte ao ar livre, e em que as regas são indispensaveis hão de ter uma agricultura propria, que deve começar por ensinar a obter aguas e a empregal-as nas regas.

Porém isso só com o tempo e com a vulgarisação dos conhecimentos se-poderá vir a conseguir: a obra do Sr. Dr. *Figueiredo* irá entretanto abrindo os olhos a muitos lavradores; a modicidade do preço concorrerá para que se-divulgue, e em todas as partes do Reino achará quem testimunhe os beneficios que da sua leitura colheu. *F. A. de V.*

---

SOBRE O KENILWORTH.

387 Lemos e relemos no Diario do Governo de 11 do corrente um artigo, cuja fórma toda graciosa, litteraria e decentissima para logo nos-revelou a habil e amestrada mão, que o-escrevêra. Honramo-nos, ha já largos annos, com a amisade intima do seu auctor; e cada vez perdoamos menos á fortuna, ou antes á *politica*, o haverem n'elle arrancado da religião litteraria quem tinha de ser, sem nenhum custo, um dos seus ministros mais illustres: entretanto, ainda secularisado, a sua primitiva e verdadeira vocação lá resumbra sempre por um modo explendido todas as vezes, que fallando ou escrevendo acerta de passar pelos dominios da poesia, da litteratura, ou das artes.

Seja-nos porém licito, com venia e boa paz da amisade e sem quebra no respeito, dissentir em dois pontos doutrinaes e graves do que n'esse artigo se-estabelece. Mas porque ambos elles estão requerendo mais estendida discussão, do que nos hoje consentiria n'este jornal o afogo das materias; só os-assentaremos por agora; reservando para melhor conjunctura o averigual-os.

1.º *Ponto* — Linguagem portugueza. 2.º *Ponto* — Methodo, que se-ha-de seguir no verter para portuguez. — Quanto ao *primeiro* quer o auctor — que seja contraria á *ordem natural das coisas*, e como tal impossivel de prosperar a moda, — que alguns principiam a introduzir de repôr na *hodierna* lingua portugueza (se porventura a-ha) algumas palavras e construcções patrias dos nossos antigos. — Quanto ao *segundo* entende, — que vertendo obras, que versam sobre costumes estrangeiros, não fica liberdade para desviar um ápice das expressões e fraseado do original. — E de cada uma d'estas suas opiniões deduz contra a versão do *Kenilworth* do Sr. *Ramalho* uma sentença opposta ao que a respeito da mesma traducção sinceramente, como o temos de uso, escrevêramos em o nosso artigo 266. Provaremos como, philosophicamente avaliadas, estas duas opiniões do auctor se-combatem e se-neutralisam; e mostraremos, como de qualquer d'ellas, que se adoptasse, resultariam para a já *desgraçadissima* Litteratura Patria inconvenientes ponderosos.

*Antonio Feliciano de Castilho.*

---

ANTHROPOLOGIA.

388 Este é o titulo d'um artigo, que tivemos o gosto de receber do Sr. *S. J. Ribeiro de Sá*, o qual não publicamos neste jornal, por ser já nelle dada em substancia a noticia, sobre que faz suas judiciosas, e philosophicas considerações ácerca da anthropologia. — Em o n.º 13, art. 267 — Galeria de Historia Natural — Raças Humanas — Pariz — se-dá conta dos trabalhos do Dr. *Dumontier*, e de como elle os-dirigiu com todo o acerto, e perfeição. Ficamos por tanto esperando os novos artigos, que nos-promette o Sr. *Ribeiro de Sá*.

---

CORRIDAS DE TOUROS.

389 Recommendamos, como dignissimo de ser lido pelo grande número que encerra de verdades uteis expressas com valentia e lucidez, o artigo que sob a rúbrica — *Deixem continuar os touros* — se-encontra no Nacional n.º 2043 — de 13 do corrente. Agradecemos ao illustre Redactor o generoso brio com que expontaneamente vem ajudar-nos nesta, vergonhosamente ardua, contenda da civilisação contra a barbarie.

Esperamos que os outros Jornaes não faltarão com seu esforço nesta cruzada contra Turcos, infieis e alarves da Peninsula.

Pésa-nos que a extenção do artigo a que nos-referimos nos-prohiba o transcrevel-o.

---

Este (passatempo) de touros tão usado em toda Hespanha, que sem elles não ha festa de gosto para todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações: e nem os barbaros que folgam de ter em suas casas tigres, e leões, e outros animaes ferozes, e sempre temerosos, o-admittem. E na verdade é um passatempo de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma disculpa. O jogo da pella faz o corpo agil, a luta endurece os membros, a justa que para briga

tem pouco risco, e para festa demasiado, com tudo o ser exercicio militar a-defende. Só nos touros nenhuma cousa boa ha: se são mansos é cousa fria, aborrecem: se são bravos, poucos se-correm que não façam voar corpos ao ceo, e almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam materia de gosto, e lhe-chamem bons touros, como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christãos: é um renovarmos as effusões de sangue dos Amphitheatros gentílicos. Não ignoro que perdemos tempo neste aviso, como o-perderam muitas pessoas gravissimas que por vezes o-deram. Mas obriga-nos o zêlo do bem commum, e o officio de historiador, que é dar parecer nas materias, e sobre tudo sabermos que um tão grande Santo como foi o Papa Pio V., Religioso da nossa sagrada Ordem, trabalhou muito pelo tirar do mundo: e fiquem advertidos os autores de tal espectaculo, se algum houver que passe os olhos por estes escriptos, que em boa Theologia levam sobre si grande parte do sangue humano que estes touros derramam.

*Fr. Luiz de Sousa, na vid. do Arceb., liv. VI. cap. XIX. da 1.ª edic.*

# NOTICIAS.

## ESTADOS-UNIDOS.

390 Em consequencia de insultos da parte do imperador de Marrocos ao consul da Republica, se mandava uma forte esquadra ao Mediterraneo a pedir uma satisfação: receava-se guerra.

## PRUSSIA.

391 Pela nossa correspondencia particular sabemos que tinha feito grande rumor na côrte, o haver o imperador da Russia mandado o seu genro, o duque de Leuchtenberg, para uma governança militar no interior do imperio. — Não se-aventava se era desterro ou política: mas presumia-se que seria política; por vir chegando o tempo em que o imperador da Russia tem de ir viajar pelo interior.

## INGLATERRA.

392 Continuavam de chegar notícias desagradaveis da India; tendo ultimamente caído em poder dos indios a cidade de Ghuznec. — Os jornaes sustentam uma polemica mui aturada com as folhas francezas a respeito do casamento da rainha de Hespanha. — Na sessão de 2 do corrente apresentou-se na camara dos Communs uma petição por parte das classes trabalhadoras com mais de tres milhões de assignaturas.

## FRANÇA.

393 O discurso do arcebispo de Pariz ao rei no dia do seu anniversario tem causado grande sensação, tanto na imprensa como no corpo diplomatico, pelas pertenções que o arcebispo ousa de conceber. — Na imprensa e na alta sociedade se discorre mui seriamente sobre o casamento da rainha de Hespanha; entendem que não deve esposar um principe de algum pequeno estado da Allemanha ou Italia, porque assim ficaria a Hespanha sob o influxo da Inglaterra.

## HESPANHA.

394 Discorrem os jornaes sobre o casamento da rainha; — e referem casos acontecidos nas provincias com diversas partidas de guerrilhas, algumas politicas.

## PORTUGAL.

### ACTOS OFFICIAES.

395 *Diario do Governo* 12 *de Maio.* — Portarias ordenando que os que tiverem incapacidade phisica, ou não tiverem censo não pertencem á guarda nacional. Tabella da receita effectuada no mez de Outubro.

*De* 13 *Maio.* — Officio dizendo-se que S. M. C. tinha ordenado um Lazareto nas ilhas de S. Simão. Aviso aos despachados para as provincias Ultramarinas para se apresentarem na Secretaria d'Estado no dia 12. Mappa de documentos de tributos directos. Venda de bens nacionaes.

*De* 14 *dito.* — Portaria concedendo á povoação do Torrão a cathegoria de Villa de Louzada. Providencias á Junta do Credito Público. — Ordem do Exercito n.º 24. Venda de bens nacionaes.

*De* 16 *dito.* — Edital ordenando o modo que se ha-de ter na procissão de *Corpus Christi*. Ordem de pagamento de uma quinzena de pret na 1.ª e 6.ª Divisões Militares. Estatistica do expediente do Thesouro Público. Venda de bens nacionaes.

*De* 17 *dito.* — Relações dos devedores á fazenda pública. Venda de bens nacionaes.

*De* 18 *Maio.* — Relação de devedores á fazenda pública.

### THEATRO NACIONAL E NORMAL.

396 Ainda voltaram no Sabbado as Proezas de Richelieu; houve quasi enchente; era beneficio d'um actor. Setenta e cinco senhoras compunham o espectaculo dos camarotes; vinte e duas idosas, o restante moças e meninas. D'estes camarotes tres se-despejaram no fim da primeira peça, *Carlos ou a familia do avarento*, engraçada semi opera do senhor Feijó: todos os mais perseveraram com uma bella constancia até ao fim da noite (*). O Inspector Geral dos Theatros presenceou a representação: póde por seus ouvidos e olhos convencer-se do que seja este saturnal, contra que por toda a parte clamam os homens de bem. Consentirá que ainda se-repita? mal o-podemos temer: o senhor Larcher é um pai de familias respeitavel, um cidadão honesto, um caracter por muitas vezes honrado com importantes cargos na republica: agora mesmo tem elle na sua mão, confiados pelo Governo, o pão e os circenses da capital. Não sabemos quaes dos dois officios seja de mais urgente responsabilidade: se o pão é para a vida, indispensavel, não só de pão vive o homem: a moral do povo é tambem uma precisão. Que se-diria da inspecção do Terreiro se ahi se-vendera trigo envenenado? que se-diria da Inspecção Geral dos Theatros e espectaculos do reino, se as mais obscenas obscenidades se-representassem?

*Antonio Feliciano de Castilho.*

(*) A platea que applaudio no fim da primeira peça, no fim da segunda absteve-se de manifestar approvação e suffocou briosamente as palmas com que dois ou tres espectadores se-pertenderam distinguir.

NAUFRAGIO.

397 No dia 4 deste Maio, pela ante-manhã, deu á costa nas pedras de Lenxões contra o castello de Lessa o brigue hespanhol — Cenife; — vinha de Torrevieja com sal para a Galliza. Salvaram-se 10 pessoas e os principaes pertences do casco. Serração grossa, nortada rija, e a proximidade dos penedos, foram os causadores do perdimento.

O escapar a gente, deveu-se ao providencial soccorro, que tres lanchas de pescadores, ás cegas levadas pelo mesmo temporal contra o brigue, promptamente lhe-liberalisaram.

MAIS NAUFRAGIO.

398 No dia 11 ao saír a barra o hiate Santa Anna e Almas, Cap. José Gomes Louro, bateu na pedra — Folga manadas — por causa d'um restolho d'agua, e d'alli foi conduzido para a ponta do Cabedello aonde ficou submergido.

Salvou-se a tripulação. Hia para Caminha com encommendas. *(Periodico dos Pobres do Porto.)*

PASSADOR DE NOTAS FALSAS.

399 Mathias Fagalde, curtidor de pelles, natural do Urcurray, departamento dos Baixos Pyrineos, reino de França — foi condemnado pela relação do *Porto* em 20 annos de degredo por ter preparado e passado uma porção de notas falsas do Banco do *Porto*. A Sentença é de 20 d'Abril proximo passado.

*(Revolução de Septembro).*

UM PADRE FEITO Á PRESSA.

400 Por escrupulosa prudencia deixámos de publicar no passado número o que na vespera acontecêra com o façanhoso Padre Mathias (Matheus lhe-chamam erradamente os impressos e o povo) e de que já hoje vai cheia toda a cidade. O nosso artigo que já estava composto era em todas suas partes exactissimo: como porém grave, e de escandalo, fôsse o seu assumpto e as provas, hoje superabundantemente accumuladas, ainda então não existissem, entendemos que se no callar totalmente o facto desfalcavamos a nossa folha, no amadurecel-o para a publicidade nos-desempenhavamos de um dos principaes deveres de jornalistas. Sahimos tardios com a notícia, compensaremos esse desar com a brevidade da narração.

Na manhã de 11 d'este Maio, aparelhava-se, para dizer missa na freguezia da Encarnação o Padre Mathias Antonio. Havia quatro mezes que elle ahi exercitava essa e outras funcções do sacerdocio com venia e boa paz do Reverendo Prior, a quem para esse fim exhibíra uma licença assignada pelo Em.$^{mo}$ Patriarcha D. Patricio. Alguns Padres d'aquella e das visinhas Parochias o-tractavam como a bom collega; e os fieis o-haviam em conta de mui digno do officio, que muito curiosamente preenchia, de prégador e confessor. Testimunhas porém, em segredo convocadas por uma denúncia dada contra elle, entram com o Regedor da Parochia pela Sacristia, e affirmam em sua presença reconhecerem-n'o por leigo. Mathias os-combate, primeiro com o escarneo, depois com as injurias; mas o contradictorio de algumas de suas coarctadas, e sobre tudo a perturbação de animo, que vislumbra por todas suas feições e gestos, corroboram a accusação. O Regedor requer do accusado a apresentação de titulos, que o-abonem de sacerdote; elle lhe-responde que os-tem em sua casa: partem ambos para lá, mas quasi chegados á porta lhe-diz — que esses papeis de repente lhe-lembra que param na Secretaria d'Estado com um requerimento em que anda para certa Igreja: — o Regedor lhe-dá a voz de prêso. — Levado perante o Administrador do 4.° Julgado presiste denodadamente na sua affirmativa: chega até como quer que seja a proval-a com testimunhos, um vocal, outro escripto, de pessoas respeitaveis. Confuso o magistrado com a promptidão e naturalidade com que o accusado solve dúvidas e rebate argumentos; mas não ainda interiormente convencido, remette-o prêso para o chefe espiritual do districto; afim de que pela camara ecclesiastica se-possam haver as necessarias informações. — Mathias se-dissera religioso dos eremitas descalços do convento da Sobrêda; . . . nos assentos do archivo lá se encontra Mathias religioso dos eremitas descalços do convento da Sobrêda. Dissera haver sido cura na freguezia da Gollegãa; . . . o registo da carta, em que se lhe esse beneficio conferia, não menos apparece. — O Prelado receando, como varão prudente e virtuoso, o vêr exposto um innocente á vergonha, e um presbitero á prisão e rigores da justiça, intercede com a auctoridade, para que sem prejuizo de ulteriores indagações, deixe pernoitar, solto, em sua casa o accusado, que prometêra provar no dia seguinte por confrades seus da Sobrêda a veracidade da sua, em apparencia mui ingenua, deposição.

N'essa noite o administrador, que promptamente serendeu aos desejos do Sr. Patriarcha, manda a casa do enigmatico personagem: — encontram-n'o serenamente adormecido: — este somno acaba quasi de completar a prova de sua innocencia.

No dia seguinte Mathias e os seus poucos teres haviam desapparecido. — No Campo de Santa Anna foi visto vender a um adello alguns objectos: — de tarde atravessar o Paço do Lumiar em companhia de uma mulher e dirigir-se pelo caminho de Carnide. Para toda a parte se-expediram de repente ordens contra elle de prisão com os signaes da pessoa declarados. — Idade uns 44 annos; altura ordinaria; rosto comprido e secco; olhos grandes e azues; nariz regular; cabello preto ondeado; barba preta e cerrada; e todo elle de proporções seccas.

Emquanto viaja; e algum dos mil braços da justiça o não empolga; digamos a nossos leitores o que a seu respeito se-tem podido averiguar. — Mathias Antonio, de obscura geração e filho de um pedreiro, foi pedreiro; miliciano; soldado de cavallaria um; de infanteria um; de provisorios; pintor; ferro-velho; e sombreireiro! — de tudo ha documentos. — Não contente com esta encyclopedia profana de artes e officios, ordenou-se a si mesmo: — foi cura; capellão em varias casas e freguezias, no que se-houve com tanta actividade, que muitos dias passavam de tres as suas missas — uma na estrada da Charneca — outra na Encarnação — outra na rua Formosa — outra em Santa Izabel etc. Foi prégador e de fama; confessor e bem afreguezado; acompanhador de enterros etc. Finalmente, desejoso de que nenhuma cousa lhe-ficasse por experimentar; e cubiçando reunir em si o mais possivel de sacramentos — casou — enviuvou; — tornou a casar: e tornou ainda a casar com terceira mulher, tendo viva a segunda: — deixou as duas

por uma quarta, com quem não casou: — e parece, que já não foi com a mesma quarta que desappareceu.

Ouvimos que a um dos soldados, que o-escoltaram nos seus trabalhos do dia 11, dissera elle; — sou padre e hei-de proval-o; mas que o não fosse, que tinha ninguem com isso? — ou temos liberdade, ou a não temos; se a-temos, deixem exercer a cada um a industria que bem lhe-parece!

Assim se-abusa das duas mais sanctas cousas do mundo — da Liberdade, que humanisa a Religião — da Religião, que sanctifica a Liberdade!!

MORTE DE MULHER E MARIDO.

*Maia, 10 de Maio.*

401 Em a noite d'hontem para hoje um moleiro da Freguezia de Nogueira, foi atacado por cinco individuos e um rapaz, estando na cama: sua velha mulher foi morta por uma pancada que lhe-partiu o craneo, e elle com differentes pancadas ficou em estado que pouco depois de sacramentado expirou.

O moleiro havia tempos tinha sido já roubado; tinha em casa nesta occasião umas dez moedas em prata e alguma porção de milho, mas nada levaram: era bemquisto porque fiava as fornadas á pobreza daquelles arredores. Conheceu alguns dos malfeitores, e declarou-os; sendo tambem conhecidos por um neto, que se-havia escondido debaixo da cama. As declarações estão em segredo, e ignora-se se é verdade o que se-diz, que os assassinos eram do Porto. As pancadas foram dadas com ferramenta que acharam na mesma casa do moleiro. *(Periodico dos Pobres do Porto.)*

CONJUGICIDIO POR LOUCURA.

402 De *Guimarães* nos-escrevem, que no dia 10 do corrente na Freguezia d'Oliveira, Concelho de Villa Nova de Famelicão, saíra de sua casa um homem, já de algum tempo conhecido por maníaco. Sua mulher, por alguma desconfiança que tivesse de más tenções que o-levavam, seguiu-o, por cautella; mas apenas percebida do insensato, cáe apedrejada por elle, e entre suas mãos acaba de largar a vida. Os olhos e cerebro lhe-foram vasados á faca.

Outra mulher que procurou acudir-lhe ficou maltractada. O desgraçado foi conduzido á Cadêa.

JÁ A INFANCIA É VICTIMA DA PUERICIA.

403 No dia 12 do corrente, por meia tarde, em uma Aldeola apellidada os Cazaes do Bombarral, Concelho de Cadaval, Porfirio, rapazinho de 11 annos, tomou para brinquedo uma espingarda, que na casa paterna achou á mão, e com ella se-foi para a poisada de um visinho a folgar com outras creanças. Alguem, segundo se-diz, lhe-ponderou o perigo que naquella arma havia: grande prudencia a de quem gasta palavras onde o que importa são obras! despresou Porfirio o aviso, — que admiração! Averigua se a espingarda está carregada; achando-a tal, volta a casa do pai onde a-escorva, e tornando para o ranchinho dos innocentes, mette-a á cara, aponta, dispara. Uma pequenina, de dois annos e meio, caíu logo sem vida, crivada a cabeça de chumbo como um pobre passarinho — chamava-se Vicencia. Outra recebeu por um lado parte da munição, mas não morreu. A justiça, accrescenta o nosso correspondente o Sr. P. R. Fonseca, já foi syndicar, mas é de crer que de suas investigações não resulte consequencia alguma *correctiva*, porque é essa a marcha seguida neste Concelho.

O abuso do porte de armas é assumpto, mormente em tempos tão altanados e immoraes como este nosso, merecedor de muito maior vigilancia do que parece lhe-consagram as respectivas auctoridades policiaes.

BELLA ACÇÃO.

404 *José Domingues Bicho*, com padaria na rua das Pretas, e um tendeiro, que junto delle habitava, ficaram gravemente prejudicados por causa de um incendio que na noite de 13 do corrente devorou as suas velhas e abarracadas casas. Uma candeia deixada a descuido ao pé de carqueja em casa do tendeiro originou este desastre.

Consta-nos que um mancebo, amigo intimo, que fôra d'um filho do padeiro, mas com elle andava desavindo, havia tempos, o-procurára na seguinte manhã, — offerecendo-lhe a sua casa, e soccorros. — Não foi acceito o generoso offerecimento; mas para exemplo não queremos que fique perdido. A amizade, que no dia do infortunio se-restaura, é formosa amisade que não tem de acabar.

AVISO AOS VIANDANTES DE LISBOA.

405 Na manhã de 8 de Março, caminhavam ajoujados quatro gallegos transportando uma pipa, pela rua dos Capellistas; um individuo que ia a seu passo e passo, ouve um grito atraz si, e logo lhe-dão um encontrão, cáe, pisam-no a ponto de ficar contuso na cabeça, e com uma perna quebrada pelo *femur*. Acodem-lhe, e prendem os quatro *brutos*. Na cadêa jazeram os da parelha dianteira, a quem competia o *arrêda*; até que em Juizo Correccional foram hontem, além dos sessenta dias de prisão, condemnados na multa de 2$000 réis, e os da de traz em 3$000 réis, não obstante desculparem-se uns com os outros. Parece-nos conveniente dar esta noticia para que nos precatêmos de muitos destes riscos a que em Cidade tão populosa, estamos continuamente expostos.

RIXA VELHA.

406 No dia 15, á noite, perto da feira das Amoreiras, foi achado um individuo em perigo de vida, com tres facadas. Não quer denunciar quem lh'as deu, e só diz que fôra resultado de rixa velha.

PARRICIDIO.

407 Na noite de 23 para 24 do corrente se-perpetrou nos Arcos de Val de Vez um parricidio!! morreu envenenado com arsenico o ex-Capitão *Manoel Caetano de Sousa e Castro!* Todas as suspeitas recaíram sobre seu filho, que foi preso, e se-acha em processo!! Parece que o desejo de ser senhor da casa fôra o motivo deste attentado!

*(Periodico dos Pobres do Porto.)*

EXPORTAÇÃO DE VINHOS DO DOURO.

408 Resumimos do Periodico dos Pobres do Porto o mappa da exportação dos vinhos do Douro.

Desde o 1.º de Janeiro até o fim de Março de 1842 saíram 8574 pipas e 12 almudes

| | Pip. | Alm. | Can. |
|---|---|---|---|
| Para a Grã-Bretanha | 7,024 | 10 | 4 |
| « Estados-Unidos da America | 671 | 5 | 3 |
| « Brazil | 322 | 5 | 3 |
| « Outros portos | 556 | 11 | 2 |
| Pipas | 8574 | 12 | 0 |

UMA QUADRILHA.

409 De *Elvas* nos-escrevem que havia dois mezes vagueavam pelo contorno 4 ou 6 malfeitores, a quem se-attribuiam roubos e maus tractos a varios habitantes da cidade, e de *Villa-Boim*. Um dia um dos roubados, encarando á entrada de *Olivença* com um dos ladrões, e vendo-o tomar para umas hortas visinhas, pediu soccorro: tres soldados e um cabo acodem ao sitio, os bandidos lhes-dão uma descarga, a tropa lhes-responde com outra, fogem; e em vão alguns cavalleiros lhes-sahem no alcance. Eram os moradores de *S. Vicente*, *Barbacena*, *Santa Eulalia*, *Monforte etc.* que traziam noticia, ora do roubo feito ao lavrador Fulano, ora do espancamento de um passageiro, ora de haverem os facinorosos sido vistos no *Monte das Esquillas* e outras paragens; por ultimo foram tambem correios de uma boa nova; dois delles cahiram mortos por um guarda do *Mato de Font' Alva*, a quem a circumvisinhança acoimava de cúmplice, um no Povo de *Santa Eulalia*, outro no Casal da *Casa Branca*, e ambos no dia 12 do corrente.

---

CONTINUAÇÃO DAS NOTICIAS AGRONOMICAS DE ABRIL.

410 Por um singular contraste decorreu bem diverso o andamento da estação na amena provincia do *Algarve*, o que é devido á favoravel posição da grande serra de *Monchique* e *Caldeirão*, a qual cingindo a fronteira septentrional daquelle districto, lhe-serve de poderoso abrigo contra as invasões dos ventos boreaes, e os-força a mudar de direcção, seguindo as linhas diagonaes resultantes dos variados contornos da cordilheira, ou resvalando pelas suas summidades correm afastados e em grande altura sobre a cinta cultivada que vai parallela ao littoral, em um plano inferior em mais de 400 braças áquellas summidades. Esta favoravel circumstancia, devida inteiramente á configuração topographica do terreno, é a principal causa da brandura do seu clima, por isso tão apropriado a manter a vegetação de um grande número de preciosas arvores africanas, e da zona torrida, as quaes poderiam acclimatar-se se alli se-creasse um amplo viveiro em que se-reunissem e cultivassem para depois se-espalharem nas localidades do reino apropriadas ao seu desenvolvimento,

Voltando porém ao nosso assumpto, notaremos que ao mesmo tempo em que a maior parte do reino soffria consideraveis prejuisos pelos insolitos rigores de Abril, aquelle districto gosava de mais favoravel tempo para o desenvolvimento da vegetação dos seus campos, como se-prova pelas noticias que o nosso intelligente e respeitavel correspondente de Moncarapaxo nos-envia, e que com satisfação passamos a transcrever.

Os cereaes reanimaram-se admiravelmente com as chuvas do principio do mez, e as que continuaram por todo elle lhes-fizeram grande beneficio. Desde *Faro* até *Castromarim*, nos terrenos baixos, as searas encantam pela belleza da sua espiga, e pelo seu portamento magestoso. Os milhos tiveram optimo nascimento, e vão medrando viçosos: o grão de bico até agora promette copioso fructo, e as vinhas têem grande abundancia de uva, e não consta, que tenham sido atacadas por algum dos inimigos que todos os annos lhes-fazem estragos. As amendoeiras têem boa novidade de fructo, que não tem caido com as chuvas e ventos de Abril como aconteceu por effeito das rajadas de Março. As oliveiras em partes se-encontram algumas bem providas de flores, mas em geral espera-se uma novidade menor que a ordinaria: quanto ás alfarrobeiras muito pouco fructo lhes-ficou, e neste anno continuará a carestia deste genero, como no passado. As laranjeiras tomaram muita flôr, e o tempo lhes-tem servido para fructificar com abundancia: os pomares de caroço apesar dos ventos de Março, promettem uma copiosa colheita. Finalmente os gados começam a refazer-se das fomes que soffreram, pois que os campos tem brotado abundantes pastos; infelizmente havia já perecido uma parte por effeito daquella calamidade.

Em *Cintra* os rigores desta primavera têem causado notaveis prejuisos em quasi todos os limoaes situados na encosta daquelle ameno e frondoso sitio, e se-acham despidos da sua viçosa folha, apresentando no fim da primavera o lúgubre aspecto das arvores silvestres no coração do inverno: quasi metade do seu precioso fructo se-tem perdido. — Muitos loureiros, que servem de graciosos abrigos nas quintas de *Rio de Mouros*, têem continuado a seccar. *M. M. Franzini.*

411 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 11 ATÉ 17 MAIO 1842.

| Dias do mez | Termometro exterior | | Barometro | | Pluvimetro. | Ventos dominantes e sua força. | Estado da Atmosfera. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Min.° | Max.° | 9 h. m. | 3 h. t. | | | |
| 11 | 58 | 67 | 758,1 | 757,4 | | 1 NO N3 | Cob.° até ás 10 h., e depois cl.° e nuvens — tarde fria. |
| 12 | 46 | 67 | 759,5 | 759,0 | | N2 | Cl.° e nuv.s horisonte fusco. |
| 13 | 47 | 75 | 757,2 | 755,0 | | B 1N | Cl.° — sol quente. |
| 14 | 52 | 82 | 756,0 | 755,0 | | B N | Cl.° — muito calôr. |
| 15 | 58 | 81 | 757,1 | 757,5 | | B 1SO | Cob.° de nuv.s diafanas — sol descorado: muito quente. |
| 16 | 56 | 76 | 757,7 | 757,7 | | B 1SO | Id. — Nev.° denso, alto, e humido: sol palido — tempo fresco. |
| 17 | 54 | 70 | 756,2 | 755,5 | | SO1 | Nev.° denso e humido até ás 9 h. — cob.° — cl.° de tarde e fresco. |

A pequena descida do barometro, do dia 7, annunciou a transição da 1.ª á 2.ª quadra do mez, a qual se-manteve até 12 com a temperatura fria nas madrugadas e noites, ar sêcco, ceo em geral nublado, e ventos rijos do norte, especialmente a 8 que soprou tempestuoso. Em Cintra resfriou a tal ponto a athmosfera, que na madrugada do dia 9, nos pontos menos abrigados na serra, appareceu gelado o orvalho, ou humidade da noite.

A 13 teve logar a 3.ª quadra, que permaneceu tres dias quentes e o ar muito sêcco; porém mantendo-se sempre frescas madrugadas, observando-se a 14 um grande salto na temperatura dos dois extremos do dia, a qual variou 30.° F. (15 $\frac{1}{2}$ R) no curto intervalo de 10 horas. — A 4.ª quadra manifestava-se a 16, condensando-se os vapores accumulados nos dias antecedentes, que baixaram em nevoeiros, resfriando e humedecendo a athmosfera, sendo acompanhados de ventos mareiros, e assim permanece. *M. M. Franzini.*

---

Na Imprensa Nacional.